

## LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA: COMO SE PROCESSA A CONSTRUÇÃO TEXTUAL♦

Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade  
Universidade de São Paulo

É constante, atualmente, ouvirmos que a oralidade tem um lugar importante no ensino de língua. Entretanto, são ainda escassos os recursos metodológicos existentes em Língua Portuguesa para o tratamento dessa questão de forma mais sistemática.

Já na década de sessenta, Mattoso Câmara afirmava que apenas podemos compreender e ensinar a língua escrita com base na correta compreensão do funcionamento da fala. Essa colocação representa uma dupla tarefa para a lingüística: de um lado, deve dedicar-se à descrição da fala e, de outro, possibilitar que a escola amplie seu leque de atenção.

Em 1990 no artigo "Português falado e ensino de gramática", Ataliba Teixeira de Castilho destaca que "a língua oral se constitui num excelente ponto de partida para o desenvolvimento das reflexões sobre a língua, por se tratar de um fenômeno 'mais próximo' do educando, e por entreter com a língua escrita interessantes relações (p.110). O autor prossegue sua reflexão, afirmando que **a língua escrita (incluindo a língua literária) continuará a ser o objetivo da escola, mas vê isso como um ponto de chegada**. Na verdade, o tratamento da oralidade na escola de 1.º e 2.º. graus deve ser tomado como um ponto de partida para abordagens mais específicas sobre a língua de modo geral.

Como é do conhecimento dos usuários da língua, o texto oral dialogado é fruto de conversação. Esta pode ser definida como "atividade lingüística básica que pertence às práticas diárias de qualquer cidadão, independentemente de seu nível sócio-cultural. Ela representa o intercurso verbal em que duas ou mais pessoas se alternam, discorrendo livremente sobre as questões propiciadas pela vida diária" (Castilho, 1986: 21).

---

♦ Texto apresentado na reunião anual da SBPC realizada em 1998, em natal, na UFRN.

As marcas características da construção do texto falado decorrem do vínculo que se estabelece entre falante e ouvinte no momento da interação face a face. A produção do texto oral revela, então, toda a complexidade de seu processo de construção, já que planejamento e realização lingüística se estabelecem numa progressão linear, determinada pelas atividades desenvolvidas entre os interlocutores na situação discursiva.

Para uma abordagem do texto oral visando à sua aplicação em sala de aula, no ensino fundamental ou médio, é preciso fornecer aos professores subsídios em relação às especificidades desse texto, como se instaura o seu processo de produção e de qual (ou quais) unidade(s) de análise se pode fazer uso para um estudo eficaz. Nessa perspectiva, buscar-se-á examinar:

- 1- como se efetiva uma atividade de produção oral;
- 2- quais as diferenças e semelhanças em relação à escrita;
- 3- quais os elementos que a compõem;
- 4- como se articulam, visando ao estabelecimento de um trabalho de integração entre as duas modalidades da língua.

As nossas gramáticas tratam, via de regra, as relações entre fala e escrita tendo como parâmetro a língua escrita. Esse procedimento cria uma postura polarizada e, por vezes, preconceituosa. Segundo Marcuschi (1993), "os gramáticos imaginam a fala como o lugar do erro, incorrendo assim no equívoco de confundir a língua com a gramática codificada".

Outro equívoco bastante comum, apontado pelo referido autor, é associar a língua falada com certos níveis de realização da fala. Este tipo de erro dá origem à dicotomia: "a fala não tem regras, é informal; já a escrita tem regras, é formal".

Incorreções como essas decorrem do fato de se associar a fala com um dos níveis de uso da linguagem, ou seja, toma-se a fala como sinônimo de informalidade. Na verdade, tanto a fala como a escrita abarcam um *continuum* que vai do nível mais informal ao mais formal, passando por graus intermediários.

Assim, um mesmo indivíduo apresenta desempenhos diversificados quanto ao grau de formalidade/ informalidade, variando sua fala e/ou escrita conforme as condições de produção para a elaboração de seu texto.

Cabe, agora, olhar atentamente como se efetiva uma atividade de produção textual (fala-escrita), quais são os seus componentes e como estão articulados. A descrição do contexto situacional (os participantes e suas inter-relações: espaço, tempo e grau de envolvimento) é precursora da descrição funcional do uso da linguagem.

Para analisar adequadamente um texto (falado ou escrito), é preciso identificar os componentes que fazem parte da situação comunicativa, pois eles favorecem a interpretação dos papéis dos interlocutores (falante- ouvinte / escritor-leitor) num evento de fala particular, determinando os componentes lingüísticos desse texto.

Para se estabelecer as relações que diferem as duas modalidades da língua (falada e escrita), sem que haja distorção do que realmente ocorre, é necessário considerar as **condições de produção**. São essas condições que possibilitam a efetivação de um evento comunicativo e são distintas em cada modalidade.

A **fala** apresenta as seguintes **características**:

- a- interação face a face;
- b- planejamento simultâneo ou quase simultâneo à execução;
- c- impossibilidade de apagamento;
- d- sem condições de consulta a outros textos;
- e- ampla possibilidade de reformulação: essa reformulação é marcada, pública, pode ser promovida tanto pelo falante como pelo ouvinte;
- f- acesso imediato ao *feed-back* (retroalimentação, monitoração) do ouvinte;
- g- o falante pode processar o texto, redirecionando-o a partir das reações do ouvinte.

A **escrita**, por sua vez, pauta-se por meio dos seguintes **traços**:

- a- interação à distância (espaço-temporal);
- b- planejamento anterior à execução;
- c- possibilidade de revisão para operar correções;
- d- livre consulta a outros textos;
- e- a reformulação pode não ser tão marcada, é privada e promovida apenas pelo escritor;

f- sem possibilidade de *feed-back* imediato;

g- o escritor pode processar o texto a partir das possíveis reações do leitor.

Essas condições de produção irão determinar formulações lingüísticas que apresentam aspectos específicos, conforme o **tipo de texto produzido**:

- **oral**: conversação espontânea, debate, entrevista, conferência, etc.
- **escrito**: carta familiar, editorial, artigo para revista científica, etc.

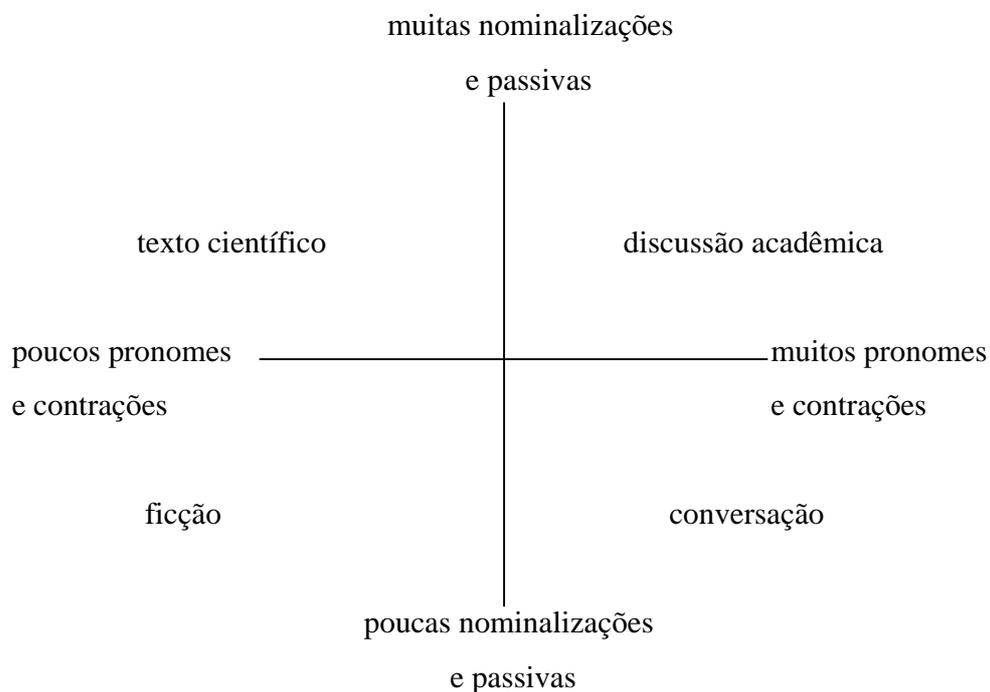
Em síntese, pode-se dizer que do ponto de vista lingüístico a **fala apresenta**:

- maior liberdade de estruturação sintática, tanto no que se refere ao caráter local (unidade sintática), quanto ao global (a nível de inter-relacionamento de tópicos);
- maior uso de elementos contextualizadores;
- maior frequência de marcadores conversacionais;
- maior ocorrência de expressões generalizadoras.

Uma consulta à literatura lingüística a respeito das diferenças entre fala e escrita, trará como resultado a constatação de que há especificidades de um tipo de texto em comparação a outro e não propriamente diferenças entre as duas modalidades. Biber, na obra *Variation across speech and writing*, publicada em 1988, afirma que essas diferenças se acentuam dentro de um *continuum* tipológico. Quanto ao aspecto lingüístico, o autor revela que a diferença é mais marcada.

Com base em quatro traços lingüísticos, o autor elabora uma relação bidimensional que distribui quatro gêneros textuais (texto científico, ficção, discussão acadêmica e conversação) dentro de uma escala em que se pode notar maior proximidade entre fala e escrita em certos casos do que em outros. Veja-se o quadro a seguir:

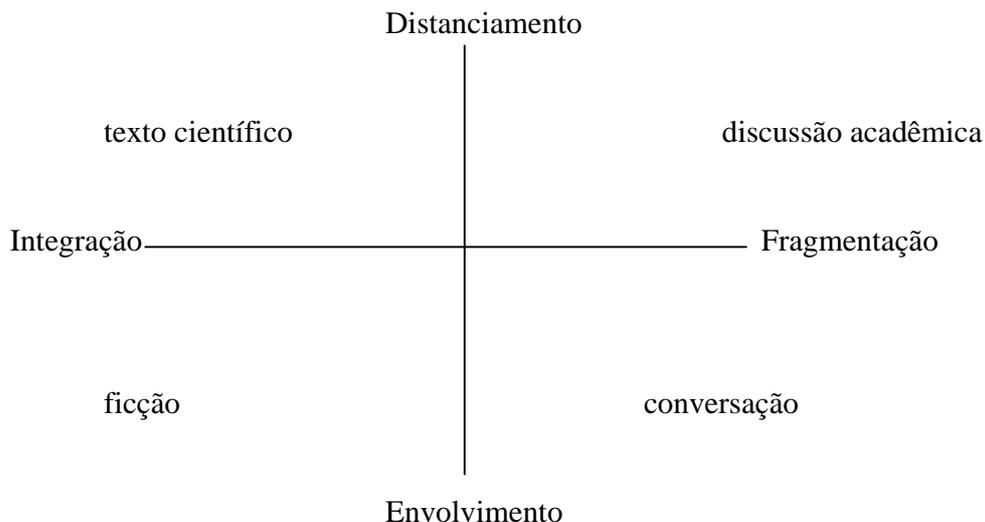
## **DISTRIBUIÇÃO BIDIMENSIONAL DE TRAÇOS LINGÜÍSTICOS EM QUATRO GÊNEROS**



A partir do quadro, pode-se verificar que o texto científico e o ficcional apresentam semelhanças e diferenças que os aproximam e afastam de modo distinto da discussão acadêmica e da conversação. Daí, conclui-se que a fala e a escrita não formam dois extremos, mas fazem parte de um *continuum* distribuído numa gradação com parâmetros empiricamente observáveis.

Marcushi (1993) apresenta uma correlação desses parâmetros com base em sua dimensão funcional - sugerida por Chafe (1982) - criando a figura colocada a seguir:

### **DISTRIBUIÇÃO BIDIMENSIONAL DE TRAÇOS FUNCIONAIS EM QUATRO GÊNEROS**



A partir do quadro, pode-se constatar que um dos fatores de diferenciação entre fala e escrita diz respeito ao tempo: elemento que vai interferir no processo de planejamento e de estruturação do texto. Assim, em textos falados pode-se detectar um caráter de maior **fragmentação**. Já para os textos escritos a possibilidade de **integração** é mais acentuada.

A interação face a face pode gerar um **envolvimento/ distanciamento** com alto teor de acentuação, que é identificado pela incidência de traços marcados lingüisticamente.

Chafe afirma, no artigo "Integration and involvement in speaking, writing, and oral literature" que, enquanto no texto oral o envolvimento pode ocorrer entre o falante consigo mesmo, com o ouvinte ou com o tópico em desenvolvimento; no texto escrito - porque a interação ocorre à distância - o envolvimento concretiza-se de maneira distinta, há um envolvimento do autor com o texto, com um leitor imaginário e com o tópico em questão. As marcas de envolvimento/ distanciamento parecem ocorrer de forma variada, também de acordo com o gênero ou tipo de texto focalizado.

A situação determina estratégias de construção do texto na condução dos tópicos ou na seleção destes (prévia, durante a interação, poucas ou muitas); outras são estratégias que dizem respeito às táticas a serem adotadas em cada caso

(complexidade léxico-sintática, grau de profundidade das informações, natureza da negociação com os parceiros).

Muitas pesquisas abordaram o texto falado e o escrito, mas não descreveram adequadamente as relações entre as duas modalidades, ou porque se fixaram em extremos (do texto mais formal ao mais informal) ou porque deram primazia a uma das modalidades (escrita) em detrimento da outra (fala).

Normalmente, a fala é observada a partir das pesquisas já existentes sobre a escrita e não por meio de um grau desejável de autonomia.

De acordo com alguns pesquisadores (cf. Chafe, Biber, Tannen, Marcuschi) pode haver muito mais semelhanças lingüísticas do que diferenças entre fala e escrita, o que vai determinar as diferenças é o processamento proveniente das condições de produção, além de diferenças próprias do tipo de texto realizado. Em outras palavras, pode-se dizer que o problema decorre da questão de critérios de pesquisa, não se podendo dessa forma generalizar, afirmando que uma seja mais complexa, melhor elaborada, mais explícita ou mais autônoma que a outra.

Aplicando-se o modelo para operações de transformação do texto falado em escrito, elaborado por Marcuschi (1993), Fávero, Andrade e Aquino (1994) fizeram um trabalho de análise e comparação dos textos falados e escritos, produzidos por falantes em situação de diálogo com o intuito de observar a realização do tópico discursivo na modalidade oral. Numa segunda fase, os mesmos indivíduos foram solicitados a escrever o que haviam dito, conservando o mesmo tópico e o mesmo tipo de texto.

Vejam-se, a seguir, alguns exemplos dos textos coletados nessa pesquisa:

**1-** Textos produzidos por G.G.A., 13 anos, aluno da 7a. série do primeiro grau de uma escola particular, da cidade de São Paulo, em 1993:

**1a- TEXTO FALADO:** A Civilização Mexicana

Inf.- primeiro eram os olmecas né? daí:: eles... começaram onde que é a Cidade do México hoje... começaram a fazer os templos aí... depois veio os astecas né? que começaram tudo fizeram mais templos fizeram templos mais luxuosos assim fizeram... tinham mais crenças... religiões essas coisas assim... depois vieram os toltecas

que deu origem à civilização mexicana e toda essa civilização milenar foi destruída pelos espanhóis que quando chegaram ao México assim é:: des::truíram tudo as pirâmides os templos aí foi o fim da... da civilização.

**1b- TEXTO ESCRITO: A Civilização Mexicana**

Os primeiros foram os olmecas, que fizeram suas pirâmides, seus templos onde fica hoje a Cidade do México; tinham técnicas muito atrasadas. Depois os astecas, que faziam templos mais luxuosos e tinham técnicas mais aperfeiçoadas. Os últimos foram os toltecas, povo que deu origem à atual civilização mexicana.

Toda essa civilização milenar foi destruída pelos espanhóis que invadiram suas terras e acabaram com muito do que encontraram.

**2- Textos produzidos por A. A., 26 anos, estudante do 4o. ano do curso de Letras da USP, em 199:**

**2a- TEXTO FALADO: Comentário sobre a peça Sinal de Vida**

Inf.- vou fazer o resumo ahh... de um livro ou melhor de uma peça... que eu li ahh... recentemente é uma das peças de que eu mais gostei ahh:: foi escrita pelo Lauro Cesar Muniz é e:: encenada entre 1972 a primeira versão dela é de 1972 e a segunda versão é de 1979 é:: a peça chama-se *Sinal de Vida* é:: nessa peça a peça é:: retrata ela ela retrata toda a angústia da personagem principal que se chama Marcelo que é um jornalista de origem pequeno burguesa né? e:: foi militante da:: do:: partido comunista nesse período de exceção né? da DITADURA militar de 1964 a 1985 e:: a peça retrata e:: toda a toda a angústia né? passada por esse por esse personagem por esse jornalista que é Marcelo como eu já disse Marcelo Estradas o nome dele e:: essa angústia e:: deriva de ela deriva de uma... de um... do desaparecimento de uma ex- companheira dele ex- companheira e:: amante porque é:: que ele a levou a ingressar no partido comunista né?... né? então... essa companheira so::some ele tem a notícia de que ela e:: ela foi MORTA foi metralhada e:: mas ele ele fica na dúvida ele não teve teve foi uma notícia ele recebeu por uma pessoa e:: algum tempo depois recebeu outras por outras vias né? notícias que não:: não:: se casavam essas notícias elas se desencontravam e o que ele então e:: sempre fica nessa dúvida é:: de que essa ex- companheira de:: nome Verônica e:: havia ou não morrido... então é:: o tempo da narrativa é o tempo dessa narrativa ele se estende durante toda a noite que é nessa noite que ele ele fica diante dessa angústia de ter levado essa pessoa a ingressar e:: dentro de uma atividade ilegal e:: e na qual ele na qual houve esse desfecho né? então e:: me perdi e:: na verdade o que se passa é isso e:: eu não sei se valeria a pena aqui te contar a história toda né? de de como ele a conheceu e:: as outras personagens secundárias que entram nessa peça... mas uma coisa que e:: que eu achei que ficou bastante... que me chamou bastante atenção foi ao final da peça quando ele ele o Marcelo né?... a personagem principal e:: durante todo esse questionamento essa procura né? a procura dessa finalização dessa dessa angústia né? ele então na peça ele vira-se para o palco né? e e pergunta né? "onde está Verônica?" e:: depois que eu li assim

num primeiro momento eu não havia refletido sobre o teor dessa dessa questão dessa pergunta dele "onde está Verônica? onde está Verônica?" que ele fala por duas se não me engano por duas ou mais vezes e::... aí que eu me dei conta depois de porque eu li essa peça foi trabalhando né? como cê sabe eu trabalho como revisor de textos então você está atento sim claro lógico atento ao conteúdo né? toda a semântica né? toda a semântica toda a sintaxe mas com uma preocupação maior né? que é a ortografia é dessa forma principalmente né? melhorar a sintaxe mas depois que eu parei para refletir sobre essa frase o que quer dizer "onde está Verônica? onde está Verônica?" na verdade era um apelo haja vista que essa peça foi encenada durante a ditadura militar de 70 como eu disse logo no começo a primeira versão é de 1972 e a segunda versão modificada em 1979 então quando da encenação dessa peça em 79 né? é até aí já havia ah:: já havia sido noticiado o desaparecimento de todas essas pessoas ligadas ah:: contra... essa contra a ideologia né? da do movimento do do golpe de 64 então essa frase "onde está Verônica? onde está Verônica?" soou pra mim como e:: a pergunta ao clamor do autor né? que se manifesta por meio da personagem né? perguntando né? onde está? o que significa Verônica? Verônica era toda aquela força toda aquela juventude de um autor era toda a juventude de toda a juventude ah:: era toda aquela ânsia aquela busca de mudança então Verônica ele ta/tava ah::ah Verônica simbolizava a vontade de mudança então o que me soou foi isso quando o autor pergunta "onde está Verônica? onde está Verônica?" ele está perguntando por todo mundo onde... onde está a esperança? onde está a vontade de luta?

**2b- TEXTO ESCRITO:** Comentário sobre a peça *Sinal de Vida*

*Sinal de Vida* - peça de Lauro Cesar Muniz escrita em 1972 e encenada em 1979 - retrata o momento crítico em que a personagem Marcelo Estradas, um jornalista de origem pequeno-burguesa e ex-militante do partido comunista, se vê impotente diante de uma situação que surge: a notícia da morte de uma ex-companheira e amante, Verônica, cujo engajamento político se deu por meio de sua influência. Numa angustiante noite de espera, a personagem Marcelo faz uma revisão de tudo o que aconteceu entre ambos, procurando de algum modo avaliar a sua parcela de culpa nesse trágico desfecho.

A peça termina com Marcelo, de frente para o palco, perguntando: "Onde está Verônica? Onde está Verônica?" à semelhança de tantas pessoas que durante o período de exceção (1964-1985) desejavam saber onde se encontravam os desaparecidos políticos.

Verônica é o símbolo de luta pelos ideais, da juventude que quer mudança a qualquer preço, é o grito de protesto, de insatisfação à pergunta: onde estão todos os desaparecidos?

A análise do *corpus*, segundo as pesquisadoras, revela que os falantes têm noção de que estão diante de duas modalidades distintas para a realização do mesmo tipo de texto. Assim, observam-se eliminações de marcas típicas da oralidade e inclusão de elementos necessários para a boa construção da modalidade escrita. De forma pontualizada, encontram-se as seguintes transformações:

### 1- eliminação de:

a- marcadores conversacionais: "né?"; "daí::"; "aí"; "assim"; "essas coisas assim"; "então"; "e::"; "ah::"; entre outros.

b- marcas prosódicas, tais como:

- alongamentos: "des::truíram"; "é::"; "da::"; "so::some".

- hesitações: "da...do", "da...da", "contra...essa contra a ideologia"; "já havia ah:: já havia sido noticiado"; "deriva de uma... de um... do desaparecimento".

- entonação enfática: "da DITADURA militar de 1964 a 1985"; "ela foi MORTA".

c- repetição: "fizeram mais templos fizeram templos mais luxuosos"; "passada por esse por esse personagem por esse jornalista".

d- correção: "assim fizeram... tinham mais crenças"; "vou fazer o resumo ahn... de um livro ou melhor de uma peça"; "nessa peça a peça é:: retrata".

### 2- inclusão de:

a- pontuação: vírgula, dois pontos, ponto e vírgula, travessões, parênteses e ponto final.

b- introdução de substituição do referente por pro-forma ou elipse: "os olmecas, que fizeram suas pirâmides, seus templos onde fica hoje"; "Marcelo faz uma revisão de tudo o que aconteceu entre ambos, procurando de algum modo".

c- uso de expressões nominais definidas para evitar a repetição do referente: "os toltecas, povo que deu origem"; "a notícia da morte (...) nesse trágico desfecho"; "é o símbolo de luta pelos ideais (...) é o grito de protesto".

d- uso de expressões ordenadoras ou continuadoras: "Os primeiros (...) Depois (...) Os últimos".

e- encadeamento sintático adequado ao resgate sucinto das idéias: "Toda essa civilização milenar foi destruída pelos espanhóis que invadiram suas terras e acabaram com muito do que encontraram"; "(...) Verônica, cujo engajamento político se deu por meio de sua influência".

f- supressão de trechos em que ocorrem digressões: "e:: me perdi e::"; "como cê sabe eu trabalho como revisor de textos (...)".

Em síntese, os textos revelam que houve supressão de marcas estritamente interacionais: marcadores conversacionais, bem como marcas prosódicas

(alongamentos, hesitações, pausas, entonação enfática, etc.) e a inclusão da pontuação típica da escrita. Verifica-se, ainda, o apagamento de repetições, redundâncias e auto-correções e a introdução de substituição por pro-formas ou elipses e também o uso de expressões sinônimas ou quase sinônimas, que buscam resgatar o mesmo referente.

Há diferenças na seqüenciação tópica de uma modalidade para outra, que se revelam nas distintas formas de encadeamento sintático. Na fala, essa seqüenciação se efetiva através de marcas lingüísticas de continuidade (daí, então, aí, depois, etc.), possibilitando a produção de um texto mais extenso e pormenorizado. Na escrita, tal seqüenciação se instaura visando a uma concisão, marcada por construções sintáticas em que o período é produzido de forma a resgatar as idéias sucintamente.

O tratamento estilístico também é distinto. No texto falado, a seleção lexical e a estruturação sintática se efetivam por meio de construções mais informais, já que se trata de um texto produzido espontaneamente. Por outro lado, no texto escrito os interlocutores fazem escolhas mais "sutis", já que dispõem de tempo para planejamento e há ainda a possibilidade de edição do texto. Há ainda casos em que o interlocutor além de poder reelaborar o seu texto, acrescenta reflexões que não lhe ocorrem no momento da produção.

As operações realizadas pelos informantes durante a atividade de produção textual podem ser sintetizadas no seguinte quadro:

- 1a. operação: eliminação de marcas estritamente interacionais e a inclusão da pontuação;
- 2a. operação: apagamento de repetições, redundâncias e autocorreções e a introdução de substituições;
- 3a. operação: substituição do turno por parágrafos;
- 4a. operação: diferenciação no encadeamento sintático dos tópicos;
- 5a. operação: tratamento estilístico com seleção do léxico e da estrutura sintática, num percurso do menos para o mais formal.

Após estabelecer os tipos de operação efetuada pelos informantes ao elaborarem o mesmo tipo de texto, nas modalidades falada e escrita, as

pesquisadora afirmam que as diferenças ou integrações entre as duas modalidades ocorrem numa escala (e não em parâmetros de oposição) que vai do menos para o mais formal.

Marcuschi (1993:112-113) observa que essas operações textuais-discursivas realizadas na passagem do texto falado para o texto escrito podem ser agrupadas em dois grandes esquemas:

- 1a. operações que seguem **regras de idealização** e têm por base procedimentos de eliminação;
- 2a. operações que seguem **regras de transformação** e têm por base procedimentos de substituição, seleção acréscimo e reordenação.

Outra possibilidade de exercício é apresentar aos alunos textos falados autênticos já transcritos, como os do PROJETO NURC/SP, facilitando, em certa medida, o trabalho de professor. A seguir, deve-se levantar as características típicas da fala, discutindo as especificidades da transcrição e depois solicitar a sua transformação para a modalidade escrita. Veja-se o exemplo **3**, extraído do inquérito 160, do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador), pertencente ao PROJETO NURC/SP e publicado em 1988, sob a organização dos professores Dino Preti e Hudinilson Urbano.

**3a- TEXTO FALADO:** Descrição de um museu

Inf. - bom... eu:: eu fui a:: a:: a Paris e visitei o Louvre... e estive:: no Louvre eu acho que umas eu passei uma semana só em Paris mas eu fui umas quatro vezes ao Louvre...porque realmente o que a gente vê no Louvre é indescritível... é:: é aquilo que a gente está acostumado a ver em livros e:: álbuns sobre:: obras célebres ... ( ) ter oportunidade de ver lá e:: e:: examinar... dá assim uma sensação uma emoção até:: inenarrável porque::... é completamente é é indescritível... entendeu?... eu fui também a a ao Museu do Prado... fui algumas vezes no Museu do Prado em:: em::... em:: na capital da Espanha... lá em:: Madri... e:: na Itália também tive oportunidade de conhecer bonitos museus... principalmente em Florença...

(SP-DID 160, linhas 129-141, p. 76)

**3b- TEXTO ESCRITO** produzido por L. F. V., aluno da 8a. série de um colégio da rede pública, da cidade de São Paulo.

Descrição de um museu

Estive em Paris e passei uma semana por lá, mas pude visitar o Louvre umas quatro vezes, porque realmente o que a gente vê no museu é indescritível. A gente

sente uma emoção inenarrável quando tem a oportunidade de olhar de perto aquelas obras célebres que a gente acostumou a ver em livros ou álbuns. Já visitei outros museus. Em Madri, na capital da Espanha, eu fui no Prado algumas vezes e na Itália pude conhecer bonitos museus, principalmente em Florença.

3c- **TEXTO ESCRITO** produzido por R. M., aluno do 1o. ano do curso de Letras, da Universidade de São Paulo.

Descrição de um museu

Quando fui a Paris, visitei o Louvre por quatro vezes, embora a minha permanência na capital francesa tenha sido de uma semana. A justificativa para tantas visitas está no que se tem para admirar naquele museu. É algo indescritível. Sente-se uma emoção inenarrável quando se tem a oportunidade de examinar de perto aquelas obras célebres cujo contato sempre foi através de livros ou álbuns de História da Arte.

Conheço outros museus da Europa. Na Espanha, mais precisamente na capital Madri, estive no Museu do Prado. Já na Itália pude apreciar bonitos museus, principalmente em Florença.

A primeira transformação não chegou a criar mais de um parágrafo, porque - segundo o aluno que a produziu - tratava-se de um conteúdo único. Não ocorreu reordenação de conteúdos, havendo assim uma distribuição de seqüências semelhantes ao do texto original. A mudança mais significativa deu-se na eliminação de pausas, hesitações, marcadores conversacionais, repetições na introdução da pontuação e no enxugamento geral do texto.

Quanto à escolha do léxico, nota-se que o estudante conserva basicamente os termos usados no texto oral. A forma coloquial "a gente", para referir-se a si próprio e às demais pessoas (=nós) é mantida. No tocante à sintaxe, verifica-se que as partículas temporais (já) e os conectores (mas, quando) são usados de adequadamente, estabelecendo uma seqüência lógica consistente e sistemática. Entretanto, a regência do verbo ir (eu fui no Prado) própria do registro coloquial permanece.

A transformação realizada pelo estudante do Curso de Letras revela domínio perfeito da linguagem escrita. Observa-se que o aluno chega aos níveis mais altos das operações de transformação. Preferiu distribuir o texto em dois parágrafos (o primeiro trata do Louvre, enquanto o segundo revela o conhecimento de outros museus), fazendo algumas reordenações dos enunciados.

As observações feitas apontam uma mudança de estilo, evidenciando que a relação entre a fala e a escrita se estabelece, principalmente, em diferenças de estilo.

Cabe apontar que, na produção de textos falados ou escritos, um outro aspecto passível de ser estudado diz respeito ao desenvolvimento do tópico discursivo. Suas diferenças parecem ocorrer não só na modalidade do texto (falado ou escrito), como também no tipo de texto dentro da mesma modalidade (no falado: encontro casual, entrevista, aula, conferência, discussão acadêmica, etc.; no escrito: reportagem, relato, ficção, texto científico, etc.). Na tessitura do texto falado, por exemplo, detectam-se aspectos diferenciadores, ocorrendo a possibilidade de um grau maior ou menor de continuidade ou mudança de tópico, de acordo com o tipo de texto em questão.

Pelas análises feitas pode-se verificar a dificuldade em se estabelecer parâmetros para relacionar a fala com a escrita, já que ainda não existe uma tipologia de textos. Na verdade, o que se tem são apenas tentativas de elaboração de tipologias, em que se misturam gêneros e tipos textuais.

Desse modo, não se pode simplesmente generalizar diferenças entre fala e escrita, sem que antes se estabeleçam análises exaustivas entre os gêneros correspondentes. O que aqui se apontou diz respeito somente a observação de um dos recortes possíveis no estudo das relações entre texto falado e escrito.

Para que se possa aprofundar este estudo será necessário trabalhar exaustivamente a diferença entre os tipos e os gêneros textuais. Marcuschi (1993) afirma que para se chegar os tipos textuais é preciso trabalhar com critérios teóricos, já para estabelecer os gêneros basta partir do conhecimento empírico que cada um tem de textos.

Importa salientar que outro aspecto a ser observado, visando a uma comparação entre textos falados e escritos, é aquele relacionado aos fatores de textualidade (intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade), já que orientam as escolhas lingüísticas feitas pelo locutor (falante ou escritor), no momento da produção textual. Esses fatores associados ao desenvolvimento do

tópico discursivo parecem fundamentais para que se estabeleçam os pontos de semelhança ou diferença entre fala e escrita.

A elaboração do texto escrito - assim como do oral - envolve um objetivo ou intenção do locutor. Contudo, o entendimento desse texto não diz respeito apenas ao conteúdo semântico, mas à percepção das marcas de seu processo de produção. Essas marcas orientam o interlocutor no momento da leitura, na medida em que são pistas lingüísticas para a busca do efeito de sentido pretendido pelo locutor.

No trabalho efetivo com textos, o professor pode:

- 1- iniciar a atividade com textos orais produzidos pelos próprios alunos;
- 2- mostrar como esses textos se estruturam;
- 3- quais as suas especificidades;
- 4- qual a sua unidade de construção.

A seguir, deve desenvolver atividades escritas, pode utilizar os mesmos temas tratados no exercício oral, buscando evidenciar:

- 1- como se estrutura o texto escrito;
- 2- qual a sua unidade constitutiva;
- 3- como ela deve ser tecida.

Trata-se, conforme destaca Marcuschi (1993: 16), "de trabalhar integradamente as várias atividades de uso da língua, ou seja, a produção oral, a produção escrita, a leitura e a compreensão. Este aspecto tem a ver com o tratamento dado à língua, principalmente nos exercícios propostos aos alunos em sala de aula". Para o autor, **não se deve considerar os exercícios escolares como um simples complemento do ensino, "mas a verdadeira forma de exercer o ensino"**. Conseqüentemente, a Universidade deve oferecer subsídios para que a escola secundária trabalhe com propostas inovadoras, mas cuidadosas.

Talvez conhecendo um pouco mais como se processa a elaboração do texto oral, o professor possa não só compreender melhor as produções escritas de seus alunos, como também aprimorá-las sem que percam a sua expressividade, fazendo do trabalho com textos uma atividade dinâmica e produtiva.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIBER, D. (1988). *Variation across speech and writing*. Cambridge, Cambridge University Press.
- CÂMARA Jr., J. M. (1969). *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Vozes.
- CASTILHO, A. T. de (1986). *Uma proposta para o ensino de gramática no 1o. e 2o. graus*. Campinas, UNICAMP, versão preliminar.
- CASTILHO, A. T. de (1990). "Português falado e ensino de gramática". *Letras de Hoje*, 25 (1): 103-136.
- CHAFE, W. (1982). "Integration and involvement in speaking, writing, and oral literature". In: TANNEN, D.(ed.) (1982). *Spoken and written language: exploring orality and literacy*, Norwood, N. J., p. 35-53.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O. e AQUINO, Z. G. O. (1994). "Fala e escrita: diferença e integração". In: *XXIII Anais de Seminários do GEL*, São Paulo, p. 273-288.
- MARCUSCHI, L. A. (1993). *O tratamento da oralidade no ensino de língua*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, texto mimeografado.
- PRETI, D. e URBANO, H. (orgs.) (1988). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo - Entrevistas: diálogos entre informante e documentador*. São Paulo, T. A. Queiroz/FAPESP, vol III.
- TANNEN, D. (1982). *Spoken and written language: exploring orality and literacy*. Norwood, N. J. Ablex.